

PAISAGEM URBANA E IMAGINABILIDADE AO LONGO DO EIXO MONUMENTAL DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, RIO DE JANEIRO¹

URBAN LANDSCAPE AND IMAGINABILITY ALONG THE MONUMENTAL AXIS
OF PRESIDENTE VARGAS AVENUE, RIO DE JANEIRO

Adilson de Souza Moreira*
Ayrton Portilho Bueno**
Alina Gonçalves Santiago***

RESUMO

Este artigo discorre sobre os espaços públicos livres e edificações representativos na paisagem urbana consolidada ao longo do eixo viário monumental da avenida Presidente Vargas, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, abarcando os aspectos históricos de sua construção, os espaços culturais relevantes e de forte impacto imagético na composição atual da paisagem urbana. Utiliza, como cursor para a análise da paisagem, a realização de “percursos urbanos” – como denominado por Souza e Cabral (1992). Lança um olhar sobre a paisagem, conforme Gottdiener (2010) e Macedo (1999), associado à formação histórica e social dos espaços e edificações e à codificação do espaço urbano estabelecida por Lynch (2010) em **A imagem da cidade**. Foca na escala do bairro e na renovação urbana em sua borda, buscando identificar, ao longo da avenida Presidente Vargas e seu entorno, os aspectos que imprimem legibilidade à paisagem urbana.

Palavras-chave: Paisagem urbana. Legibilidade. Monumento. Imageabilidade.

ABSTRACT

This article aims at discussing the relevant public open spaces and buildings in the urban landscape along the monumental axis of Presidente Vargas Avenue, in the city center of Rio de Janeiro, covering historical aspects of its construction, relevant cultural spaces with a strong image impact in composing the current urban landscape. The research is based on the “percursos urbanos” (urban routes) concept, as defined by Souza and Cabral (1992). It sheds a light on the landscape, according to Gottdiener (2010), and Macedo

¹ Artigo revisado e adaptado para publicação a partir do artigo apresentado no X Colóquio QUAPÁ-SEL – Produção e apropriação dos espaços livres e da forma urbana –, realizado em Brasília (DF) entre 23 e 24 de junho de 2015.

* Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, CP 476, CEP 88040-900, Trindade, Florianópolis, SC.
CV: <http://lattes.cnpq.br/4897374926937907>
hstcidurb@gmail.com

** Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, CP 476, CEP 88040-900, Trindade, Florianópolis, SC.
CV: <http://lattes.cnpq.br/0765458398982024>
Ayrton@arq.ufsc.br

*** Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, CP 476, CEP 88040-900, Trindade, Florianópolis, SC.
alinagsantiago@hotmail.com

(1999), associated with the historical and social spaces and buildings formation, as well as the codification of the urban space, as established by Kevin Lynch in "The Image of the City." The focus of this essay falls on the neighborhood, and the urban renewal of its fringes, identifying the aspects which provide legibility to the urban landscape along Presidente Vargas Avenue and its surroundings.

Keywords: Urban landscape. Readability. Monument. Imageability.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discorrer sobre a construção dos espaços públicos, equipamentos e lugares da cultura popular, elementos imagéticos na percepção da paisagem urbana² da cidade do Rio de Janeiro. Estabelecendo como referência o eixo monumental da avenida Presidente Vargas, destacamos os Sistemas de Espaços Livres (SELs), entre eles os de caráter público, em suas diferentes escalas, tipos e sítios, suportes que dão sentido ao viver urbano coletivo, às ruas, aos monumentos, às praças e aos largos.

Conduzindo à Estação Central do Brasil, a avenida Presidente Vargas consolidou-se como a principal articulação entre o fluxo urbano no sentido centro-zona oeste, conectando-se com o eixo norte-sul. Essa via foi construída entre 1941-1944, em pleno Estado Novo³, momento em que se caracteriza pela "[...] execução de um grande volume de intervenções e de urbanização, favorecidas pela centralização do poder" (REZENDE, 2012, p. 87). Nesse sentido, Gottdiener (2010, p. 203) ressalta que, "[...] as forças que moldam o espaço de assentamento são até certo ponto políticas e produzidas pela intervenção do Estado". Com efeito, a atuação do Estado Novo, segundo Abreu (2008, p. 113), "[...] marcou profundamente a forma-aparência da área central da cidade".

Neste trabalho, será adotado o referencial teórico-metodológico que compreende a cidade a partir do relacionamento entre partes edificadas e espaços livres públicos. Ao mesmo tempo, busca-se caracterizar tais elementos no espaço, através da expansão da malha urbana e evolução da arquitetura na avenida Presidente Vargas e seu entorno. Objetiva-se identificar, através do processo de formação da imagem da cidade, os principais espaços, equipamentos e marcos visuais, relacionando-os à história da cidade e à importância de sua imagem à construção da paisagem, tão singular por seu reconhecido encanto paisagístico urbano, natural e cultural.

Considerando o tecido urbano como um palimpsesto⁴, espaço onde os objetos estão estampados, ocultos ou sobrepostos, procura-se realizar a leitura desse fragmento da cidade do Rio de Janeiro com a contribuição de autores que estudaram e estudam o espaço urbano sob diferentes óticas, suas análises, conceitos e métodos.

Foca-se no eixo monumental e o entorno da avenida Presidente Vargas, na área central da cidade, onde a mescla de tempos distintos no tecido urbano consolidado

² "Paisagem é qualquer parte do território, tal como a percebe a população, cujo caráter seja resultado da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos." (COUNCIL OF EUROPE, 2000).

³ Regime que se instala em 1937, época do Golpe de Estado, com Getúlio Vargas à frente da Presidência da República.

⁴ Harvey (1992, p. 69) refere-se ao "[...] tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um 'palimpsesto' de formas passadas sobrepostas umas às outras".

caracteriza uma paisagem urbana singular. Procura-se, dentro de limites⁵ espaciais previamente estabelecidos, realizar o estudo proposto conforme representado na figura 1, mostrando os percursos realizados e situando os espaços arquitetônicos relevantes ao tema de estudo.



Figura 1 Distribuição dos espaços arquitetônicos relevantes à imaginabilidade da paisagem urbana.

Legenda: Bairros portuários; Candelária; Estação Central do Brasil e Campo de Santana; Morro da Providência; Sambódromo; Praça da Bandeira e conjunto de elevados; Maracanã; Cristo Redentor; Av. Pres. Vargas; Av. Rio Branco; Percursos.

Fonte: Mapa produzido sobre imagem Google Earth, 2014.

Na figura 1, indicamos os percursos realizados e a localização dos espaços arquitetônicos relevantes à paisagem urbana, atribuindo-lhes valor imagético. Tendo como referência o percurso urbano que se origina na extremidade Leste da avenida Presidente Vargas, foram realizadas, neste estudo, incursões em uma trajetória que abarca a área de influência desta via. Partindo da igreja da Candelária e praça do Comércio, percorreu-

⁵ “Os limites são as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados.” (LYNCH, 2010, p. 52).

-se a avenida até a Estação Central do Brasil, registrando os espaços e edificações de maior impacto visual. Retornou-se pela rua da Alfândega em meio às vias antigas, preferencialmente pedestrianizáveis. Num segundo momento, partindo do mesmo ponto – a igreja da Candelária – seguiu-se para os bairros portuários, incursionando pelas comunidades estabelecidas nos morros adjacentes. Através da rua Camerino, retornou-se à avenida Presidente Vargas, retomando o percurso desde a Estação Central do Brasil e Campo de Santana até atingir a extremidade Oeste, o Sambódromo, a praça da Bandeira, o Maracanã e o Cristo Redentor em sua abrangência visual.

Foi identificado que as transformações do espaço e as permanências sob a forma de monumentos⁶ edificados trazem à tona a discussão sobre os conceitos implícitos na transformação e composição da paisagem urbana, singularidades inerentes às condições históricas e sociais na construção do espaço urbano e das intervenções realizadas sobre o tecido urbano consolidado. O trajeto proposto foi percorrido, objetivando identificar na monumentalidade do espaço e das edificações as representações social e cultural impressas na paisagem urbana, sua imaginabilidade. Ao mesmo tempo, buscou-se contextualizar a apropriação social dos signos edificados em distintos períodos.

O avanço da modernidade impactou o tecido urbano⁷, sobretudo através da implantação de largas vias e da renovação edilícia, com a especialização das atividades, transformações de usos e seletividade de grupos sociais. A avenida Presidente Vargas, em seu caráter monumental, revela os aspectos socioespaciais de sua formação. Relacionando morfologia urbana às mudanças na organização social, Gottdiener (2010, p. 133) ressalta que o espaço, “[...] ao contrário de outras mercadorias, recria continuamente relações sociais ou ajuda a reproduzi-las”.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na análise sobre a imagem da cidade, Lynch destaca uma categoria específica, a qual define como “imaginabilidade”, condição que daria a um observador sensível e familiarizado, em uma cidade altamente “imaginável”, a possibilidade de “[...] absorver novos impactos sensoriais sem a ruptura de sua imagem básica, e cada novo impacto não romperia a ligação com muitos elementos já existentes. Ele seria bem orientado e poderia deslocar-se com facilidade” (LYNCH, 2010, p. 11). Realizaram-se os percursos propostos, considerando o eixo monumental da avenida Presidente Vargas e seu entorno como altamente “imaginável”, em face do patrimônio natural e construído. Aliados a

⁶ Neste estudo, a palavra “monumento” vale tanto para espaços públicos que contemplam historicidade quanto para “[...] o monumento como um traço de uma cidade, como para a capacidade de evocar sentidos, vivências e valores” (PESAVENTO, 1999, p. 16).

⁷ A modernidade, segundo Harvey (1992, p. 22), “[...] não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes”. Pesavento (1999, p. 30) a define como “[...] expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado ‘modernização’ e produzido pela transformação capitalista do mundo”. No Brasil, para Macedo (1999, p. 47), “[...] modernidade é a meta que conduz os dirigentes da República Velha a uma constante transformação dos antigos centros e à criação de novas áreas urbanas”.

essa condição, foram resgatados os aspectos históricos, pois, “[...] como fonte inesgotável de reflexão e de ensinamentos, a história urbana interessa de modo particular à urbanística e à arquitetura” (LAMAS, 2004, p. 133).

O Rio de Janeiro apresenta diversificados espaços distribuídos em seu tecido urbano, que, em maior ou menor grau, estimulam a percepção, possibilitando a identificação e orientação ao indivíduo. Em relação à condição com que a organização do espaço urbano tem de interferir na percepção, Kohlsdorf (1996, p. 69) destaca que “[...] os lugares possuem desempenhos cognitivos, ou seja, potencialidades específicas de serem entendidos pelos indivíduos”. Logo, entende-se que “[...] uma clara leitura da paisagem colabora ao propiciar orientação e identificação que facilitam a apropriação de seus espaços por moradores e visitantes” (SILVA; OLIVEIRA, 2013, p. 313). Ou seja, as características específicas da forma urbana oferecem maiores ou menores possibilidades de apreensão. Ao mesmo tempo, o espaço representa, segundo Gottdiener (2010, p. 133), “[...] um objeto material e um processo que envolve relações sociais”.

Como estratégia para a apreensão da forma e qualificação da paisagem urbana, foram programados e realizados percursos, registrando imagens, percepções e observações desenvolvidas de forma empírica e racionalista⁸ na análise do espaço urbano, caracterizando historicamente os lugares e as edificações, que servem como esquema básico de compreensão de processos gerais de distribuição dos usos do solo através da evolução urbana, permitindo a articulação de análises específicas sobre cada processo. Utilizando esse recurso, Souza e Cabral (1992, p. 279) estabelecem que, “[...] a partir de uma ideia orientadora, é estabelecido um trajeto dentro de uma determinada área específica, onde melhor se caracterizam os processos de evolução urbana a serem analisados”. Focou-se na escala do bairro, incursionando pela borda e identificando as intervenções de renovação urbana, buscando identificar, ao longo da avenida Presidente Vargas e seu entorno, os aspectos que proporcionam legibilidade⁹ e imaginabilidade à paisagem urbana.

A abordagem que se estabeleceu neste trabalho, ao relacionar elementos imagéticos, marcos visuais com a legibilidade urbana, levando em consideração a identificação e orientação das pessoas em relação ao espaço construído, requer, segundo Kohlsdorf (1996, p. 72), “[...] que se examine sua forma a partir de seus elementos visualmente relevantes na estruturação das informações”. Dessa forma, estabeleceu-se um roteiro que objetivou realizar um mapeamento dos elementos mais significativos do espaço ao longo da avenida Presidente Vargas e seu entorno, relacionando-os à paisagem urbana e importância histórica, ao espaço arquitetônico e à apropriação social pelos seus habitantes. Considerou-se, então, que “[...] todos esses problemas são percorridos pela questão da imagem urbana, da sua arquitetura; essa imagem abrange o valor de todo o território vivido e construído pelo homem” (ROSSI, 1995, p. 10).

⁸ Para tanto, apoia-se em autores neoempiricistas (LYNCH, 2010; CULLEN, 2009) e neorracionalistas (ROSSI, 1995; AYMONINO, 1984).

⁹ Kohlsdorf (1996, p. 27), refere-se à legibilidade como a “[...] capacidade dos lugares de serem decodificados, em termos de identificação e localização, por seus usuários”.

Buscou-se também, através do processo de transformação da cidade, representar o imaginário vigente em cada momento histórico, num contexto onde é possível afirmar que “[...] a cidade é lugar onde o fato e imaginação simplesmente têm de se fundir” (HARVEY, 1992, p. 17). Seguindo essa linha de pensamento, na análise empreendida sobre a paisagem urbana contida na área de estudo, considerou-se que “[...] uma imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado” (LYNCH, 2010, p. 9).

A cidade do Rio de Janeiro, em toda a sua modernidade, apresenta traços dos períodos colonial e imperial, um mosaico que possibilita uma leitura dos tempos distribuídos em seus espaços, através de sua arquitetura, equipamentos urbanos, largura e movimento das ruas. Logo, neste trabalho, seguindo a assertiva de Macedo (1999, p. 11), “[...] adota-se a ideia de paisagem como a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo”. Deve-se também considerar que na observação da paisagem urbana, as imagens captadas e a percepção das mesmas apresentam subjetividades, condição inerente a cada indivíduo e seu olhar sobre o objeto.

ESPAÇO PÚBLICO, FORMA URBANA E IMAGINABILIDADE AO LONGO DO EIXO MONUMENTAL E SEU ENTORNO

O Rio de Janeiro é reconhecido pelas edificações históricas que assumem o caráter de monumento. Na extremidade leste da avenida Presidente Vargas, a igreja da Candelária, com sua nave estendida em um vão central que divide a via em dois braços, caracteriza-se como um marco¹⁰ visual forte na paisagem urbana. O local apresenta um fragmento da praça do Comércio, onde está situado o prédio da antiga Alfândega, proporcionando, em meio ao centro financeiro e à agitação do trânsito, uma paisagem urbana com ambiente de serenidade, um espaço aberto em meio ao centro financeiro, formado por asfalto e concreto, onde se percebe a função social dos espaços livres públicos dentro da cidade, a possibilidade de encontros e reuniões.

Por outro lado, existem diferentes formas de perceber o urbano, sua funcionalidade e interesses expressos. Na construção da avenida Presidente Vargas, apesar da magnitude dos investimentos mobilizados à sua execução, percebe-se, na manutenção da igreja da Candelária – centralizada no meio da agitada via –, um indicativo claro de que, considerando o aspecto funcional da avenida, “[...] os monumentos, sinais da vontade coletiva, expressos através dos princípios da arquitetura, parecem colocar-se como elementos primários, pontos de referência da dinâmica urbana” (ROSSI, 1995, p. 4).

Em conjunto, os edifícios da igreja da Candelária e da antiga Alfândega constituem uma paisagem urbana monumental, dando sentido à afirmação de que “[...] os monumentos servem de fundo panorâmico para as ruas modernas, as torres das

¹⁰ “Os marcos são objetos físicos definidos de maneira muito simples: edificação, sinal, loja ou montanha.” (LYNCH, 2010, p. 53).

igrejas dominam ainda o perfil da cidade, em concorrência com os arranha-céus” (BENÉVOLO, 2009, p. 68).

A igreja da Candelária, embora iniciada no final do século XVIII, só foi concluída na segunda metade do século XIX, o que certamente influenciou na mescla de estilos onde se inserem elementos neoclássicos ostentando a fachada, com duas magníficas torres simétricas laterais e frontão triangular (figura 3).



Figura 2 A avenida e a centralidade da igreja da Candelária.
Fonte: Google Earth. Acesso em: 12 out. 2014.



Figura 3 A Candelária e a praça do Comércio.
Foto: Adilson de Souza Moreira, nov. 2012.

A igreja da Candelária, ao centro na figura 2, emoldurada pela avenida Presidente Vargas, apresenta arquitetura imponente, em estilo barroco tardio, com cúpula central em cruzeiro e colunas ao redor do tambor. Sua localização num largo central da avenida, entre as pistas, reforça o atributo da centralidade, cumprindo o princípio onde “[...] numa igreja deste tipo cruciforme, o cruzeiro central é geralmente coberto por uma cúpula” (GIEDION, 2004, p. 156). A cúpula em sua projeção não apenas se autossustenta, mas exerce uma força que “[...] se eleva para cima, cujas nervuras convergem para um ponto representativo do infinito” (ARGAN, 2005, p. 97).

À frente da igreja da Candelária, a Via Perimetral Elevada, construída entre 1953 e 1978, produzia uma barreira visual sobre o conjunto arquitetônico, comprometendo a visão harmônica da histórica e monumental orla que compõe a paisagem urbana, marcada pelo patrimônio arquitetônico preservado. A paisagem urbana – composta pela igreja da Candelária e o prédio da antiga Alfândega –, obstruída e desobstruída com a retirada da Via Perimetral Elevada, pode ser observada nas figuras 4 e 5.

O impacto que a Via Perimetral Elevada tinha sobre a paisagem urbana do Centro Histórico (figura 4), compreendendo a igreja da Candelária e a praça do Comércio, onde está situado o prédio da antiga Alfândega, na extremidade leste da avenida Presidente Vargas, pode ser percebido na comparação entre as imagens. A simulação de retirada da Via Perimetral (figura 5), realizada pelo Jornal O Globo, demonstra a magnitude de tal impacto. Entrecortadas pela avenida Presidente Vargas, duas pequenas praças remanescentes da antiga praça do Comércio, em frente a cada uma das edificações, proporcionam, em meio ao centro financeiro e à agitação do trânsito, uma paisagem urbana com ambiente de serenidade, um espaço aberto em pleno centro financeiro formado por asfalto e concreto, onde se percebe que “[...] a função social dos espaços livres dentro da cidade consiste em permitir que os indivíduos se reúnam” (CHOAY, 1979, p. 290).

Os elevados, exclusivamente motorizados, estão ali somente para ligar um lugar ao outro, podendo ser identificados como não lugares, ou seja, somente um meio para chegar a outro lugar. Corroborando com a exclusão dessas vias, Mumford (2008, p. 210) destaca que “[...] o meio mais popular e eficaz de destruir uma cidade é a introdução de autoestradas expressas de muitas pistas, especialmente as elevadas, no núcleo central”.

A demolição da Via Perimetral, junto aos bairros portuários tradicionais, compreende 4.790 metros. Foi removida para integrar o plano de revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro, promovido pela Concessionária Porto Novo. A demolição do trecho, entre outros objetivos, visa permitir o avanço das obras de uma via expressa, liberando a vista panorâmica da Baía de Guanabara e prédios históricos na região, abrigando passeio público e Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), entre outros equipamentos.

O Rio de Janeiro ostenta uma imagem que afirma a representação do poder e a ideologia do estado. Ao longo da avenida Presidente Vargas, o conjunto arquitetônico é fator facilmente distinguível, pois representa a modernização das edificações e equipamentos urbanos, proporcionando uma leitura singular da paisagem, num reflexo à construção da modernidade estampada no espaço público, no complexo sistema

viário e nos arranha-céus que “[...] situam-se no âmago das circulações urbanas. Local de contatos múltiplos, os escritórios precisam ficar próximos uns dos outros” (LE CORBUSIER, 2011, p. 77).



Figura 4 Candelária, Alfândega e Via Elevada.
Fonte: Jornal O Globo, 27 nov. 2011.

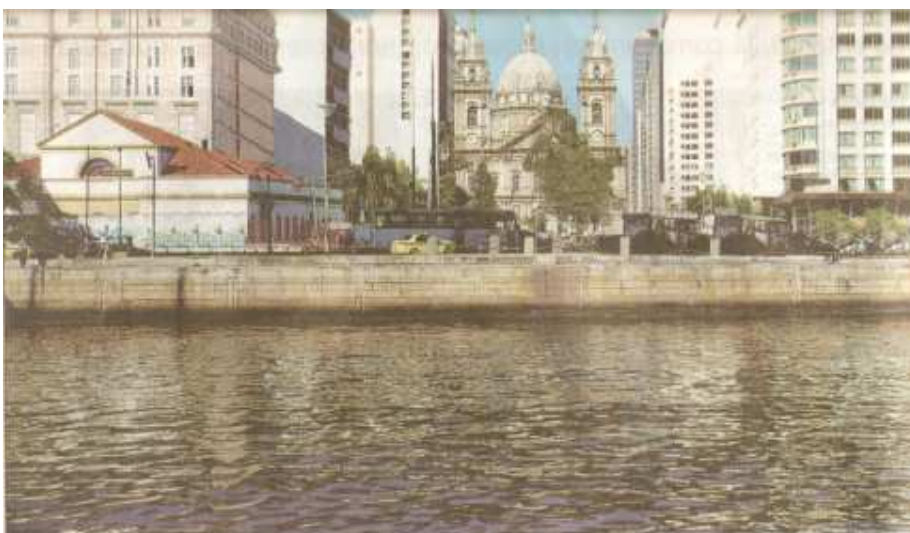


Figura 5 Simulação de retirada da Via Elevada
Fonte: Jornal O Globo, 27 nov. 2011.

O centro do Rio de Janeiro apresenta edifícios de distintos períodos impressos no conjunto urbano-arquitetônico, refletindo a expansão do estado e das atividades comerciais. Conforme ressalta Gottdiener (2010, p. 203), “[...] as forças que moldam o

espaço de assentamento são até certo ponto políticas e produzidas pela intervenção do Estado”. Na evolução urbana da avenida Presidente Vargas e seu entorno, podem-se observar as exigências do espaço enquanto representação da necessidade do capital. A figura 6 ilustra o cenário contemporâneo.



Figura 6 Edifícios comerciais de elevado gabarito na avenida Presidente Vargas.
Foto: Adilson de Souza Moreira, nov. 2011.

Ao longo da avenida Presidente Vargas, observando-se o conjunto de edifícios, identifica-se certa homogeneidade tipológica, conjuntos que formam uma monotonia arquitetônica. Diferenciando-se dessa homogeneidade, alguns edifícios mais recentes, com gabaritos maiores e fachadas com painéis envidraçados, quebram a linha horizontal do “paredão”. As torres mais altas, marcos na paisagem, resultaram da demolição de prédios construídos ao longo do século XX, claro reflexo do máximo aproveitamento do solo em função da altíssima valorização imobiliária promovida pelos investimentos em infraestrutura urbana, equipando a avenida, fornecendo diretriz ao centro urbano, atraindo a construção de arranha-céus que “[...] fornecem uma função espetacular ao edifício para escritórios, protagonista do cenário urbano, tornando-se sede de bancos, seguros, sociedades comerciais e financeiras” (ZUCCONI, 2009, p. 151). Refletindo sobre os processos de urbanização diante da realidade do final do século XX, Rykwert (2004, p. 330) destaca “[...] a cidade da eficiência, conduzindo ao lucro”. Com efeito, sua crítica incide sobre a questão do lucro ou o retorno financeiro como objetivo de qualquer atuação no tecido urbano.

Por outro lado, nas proximidades, o núcleo urbano resultante do longo processo de formação da cidade, tendo no porto o seu elemento formador, expandiu-se pela

orla, caracterizando-se como território de muitas vivências, registros do passado – em meio à cidade do presente – impressos nos bairros¹¹ Saúde, Gamboa e Santo Cristo, delimitados pelo triângulo formado pelas avenidas Presidente Vargas, Rodrigues Alves e Francisco Bicalho, representando o antigo núcleo portuário.



Figura 7 Av. Pres. Vargas e o porto ao fundo.

Legenda: — Av. Presidente Vargas; ○ Estação Central do Brasil e Comando Geral do Exército;

○ Morro da Providência.

Foto: Adilson de Souza Moreira, abr. 2014.



Figura 8 Bairro portuário, rua da Gamboa.

Foto: Adilson de Souza Moreira, abr. 2014.

¹¹ “Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles ‘penetra’ mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.” (LYNCH, 2010, p. 52).

A imagem registrada durante sobrevoo na área de estudo (figura 7) contempla em primeiro plano e em diagonal linear a avenida Presidente Vargas, a Estação Central do Brasil e o Comando Geral do Exército, em destaque à direita. Edifícios que, por sua arquitetura, demonstram uma implantação claramente voltada para se distinguirem na paisagem, quebrando a homogeneidade tipológica.

O edifício da Estação Central do Brasil, construído concomitantemente à avenida entre 1936 e 1945, com sua torre marcando o compasso do tempo e o predomínio do estilo de arquitetura *art déco*, juntamente com o prédio do Comando Geral do Exército, inaugurado em 1941, apresentam torres que se sobressaem na paisagem urbana, absorvendo impacto visual semelhante aos picos mais elevados, típicos na paisagem natural do Rio de Janeiro. Esse tipo de edificação representa para a imagem da cidade o que Lynch (2010, p. 39) qualifica como “marcos fáceis de lembrar”. No edifício da Estação Central do Brasil, essa característica se acentua por seu corpo central em torre na esquina.

Na figura 7, acima em destaque, vê-se o morro da Providência; ao fundo, os bairros portuários da Saúde e Gamboa. As ruas antigas, remanescentes aos aterros na área portuária, como a Barão da Gamboa, principal via do bairro homônimo, apresentam traçado curvo, acompanhando o arco da antiga enseada junto à orla que ali havia (figura 8), remetendo ao cenário urbano da segunda metade do século XIX e início do século XX. Uma imagem que imprime na paisagem urbana o registro do passado em meio à modernidade presente, onde o desenho da malha urbana e as edificações confirmam que a cidade do Rio de Janeiro tem uma imagem singular, percebendo-se que: “[...] sim, as ruas têm alma” (RIO, 2008, p. 34).

A área portuária, em face do mau estado de conservação geral, apresenta situação de degradação urbana, motivando um processo de revitalização¹², denominado Projeto Porto Maravilha, cujo objetivo propagado é restaurar as edificações e revitalizar o espaço público, destinando-se, entre outros usos, a abrigar centros comerciais e uma Vila Olímpica, devido às Olimpíadas de 2016. Tais políticas de intervenção promovem um processo de gentrificação, “[...] cujo resultado mais viável é a alteração da paisagem urbana, com a transformação de degradados sítios históricos em áreas de entretenimento urbano e consumo cultural” (LEITE, 2007, p. 19). Ao mesmo tempo, observa-se, nesses projetos de revitalização, alterações nas atividades econômicas, surgindo um novo “[...] núcleo da especulação imobiliária e do assim denominado processo de renovação urbana” (RYKWERT, 2004, p. 330).

O morro da Providência destaca-se, entre a avenida Presidente Vargas e a área portuária, pela proximidade com a área central – que atribui uma identidade ainda maior a tal forma de ocupação, por ser a primeira registrada com o nome de favela¹³.

¹² Para Harvey (1992, p. 46) “[...] a ‘revitalização urbana’ substituiu a vilificada ‘renovação urbana’ como a palavra chave do léxico dos planejadores”.

¹³ Antigos combatentes da Guerra de Canudos se estabeleceram no Morro da Providência, a partir daí denominando morro da favela. Apresentam-se duas razões para esse nome: 1º) a planta favella, que dera nome ao Morro da Favella – situado no município de Monte Santo no estado da Bahia – ser também encontrada na vegetação

Esse espaço adquiriu condição de forte imaginabilidade pelo caráter simbólico, refletindo a imagem de local de moradia e de abrigo dos mais pobres. Segundo Lynch (2010, p. 51), “[...] existem outras influências atuantes sobre a imaginabilidade, como o significado social de uma área, sua função, sua história ou mesmo seu nome”. Nesse espaço podemos destacar a qualidade estética por “[...] apresentar valores com características puramente sociais, atribuída pelas comunidades humanas a algum lugar, em um momento do tempo” (MACEDO, 1999, p. 13).

O processo histórico-social em que a cidade se formou estabelece a consolidação de espaços diferenciados pela complexidade das relações sociais. As favelas configuram-se como redutos da cultura popular. Nas comunidades de morros do Rio de Janeiro, alguns rituais apresentam-se como elementos característicos, enclaves que imprimem identidades próprias às comunidades, algumas até pela presença de sincretismo religioso, rituais tradicionais como a roda de samba na Pedra do Sal, predominância de uma determinada escola de samba ou time de futebol, elementos culturais formadores da paisagem urbana singular. Segundo Gottdiener (2010, p. 133), “[...] o espaço tem a propriedade de ser materializado por um processo social específico que reage a si mesmo e a esse processo”.

A avenida Presidente Vargas abriga o Sambódromo da Marquês de Sapucaí e conduz ao estádio do Maracanã, templos do samba e do futebol, dois monumentos da arquitetura consagrados à cultura popular, verdadeiras paixões nacionais, estrategicamente localizados no caminho do povo. Percebe-se aí o espetáculo das multidões. Tais espaços populares marcam claramente a paisagem urbana, onde é perceptível uma relação intrínseca entre eles, impregnados de tradição, próximo às largas avenidas, estações de metrô e trem, facilitando a mobilidade e acessibilidade.

A avenida Presidente Vargas caracteriza-se pelo intenso movimento urbano, contendo a Central do Brasil, trens e metrô, verdadeiros pontos nodais¹⁴, além de corredores de ônibus e a proximidade com outros equipamentos viários. Contrastando com esse movimento, tem-se o Campo de Santana, um imenso passeio público arborizado, “[...] símbolo da modernidade e europeização do Rio de Janeiro, [...] projeto paisagístico, que caracteriza e direciona a concepção dos espaços livres para lazer, dentro do ecletismo brasileiro” (MACEDO, 1999, p. 50). Situado frontalmente à margem oposta à Estação Central do Brasil, esse espaço pode ser observado em sua relação com a cidade, nas figuras 9 e 10.

que recobria o Morro da Providência; e 2º) A feroz resistência dos combatentes entrenchados nesse morro baiano da Favella (VALLADARES, 2005, p. 29).

¹⁴ Referindo-se às estações, Lynch (2010, p. 82) ressalta: “[...] são quase sempre importantes pontos nodais urbanos. Alinhadas ao longo de seus sistemas viários invisíveis, as estações do metrô são pontos nodais importantes”.



Figura 9 Mapa do Campo de Santana, Central do Brasil e as ruas remanescentes.
Fonte: Mapa produzido sobre imagem Google Earth, 2014.



Figura 10 Campo de Santana.
Fonte: Macedo (1999, p. 29).

O Campo de Santana, compondo a praça da República, constitui-se como elemento marcante na paisagem. Originalmente afastado do centro urbano, a construção da avenida Presidente Vargas o colocou estrategicamente em meio à urbe agitada, caracterizando-o como elemento de transição e conexão entre a moderna avenida e as ruas antigas, remanescentes às modernas intervenções, preferencialmente pedestrianizáveis, onde “[...] os caminhos para peões, insinuantes e ágeis, conferem à cidade a sua dimensão humana” (CULLEN, 2009, p. 56).

O Campo de Santana compõe um amplo ambiente, de natureza abundante e exuberante, em seus jardins ornamentados por diversidade de plantas e animais, local de relaxamento e contemplação em meio ao movimento frenético da urbe. Esse espaço, altamente elaborado, segundo Macedo (1999, p. 44), “[...] traz ao Rio de Janeiro de então a imagem idealizada do parque da grande metrópole moderna”. Elemento marcante na paisagem urbana, representa um espaço amplo, em contraposição à cidade antiga, fiel representação da cidade e sua historicidade com ruas estreitas, casario geminado e assobradado, que deve ser “[...] adaptada à nova realidade socioeconômica e também urbana” (MACEDO, 1999, p. 50).

Tais vias¹⁵, por todo o seu valor simbólico, representam o espaço urbano que, pela imagem simbólica, torna-se um dos suportes para a compreensão da histórica paisagem urbana e da memória social da cidade, testemunho de uma época anterior que se adaptou às exigências da modernidade, pois o “[...] centro antigo é cada vez mais uma parte da cidade contemporânea” (AYMONINO, 1984, p. 23). Um cenário onde a arquitetura desperta diversos olhares que projetam as maneiras como a sociedade se vê, através da forma, dos signos expressos na arquitetura e nos espaços da cidade onde, por muitas vezes, esse patrimônio se encontra “[...] em condições difíceis de ser percebido e valorizado pelo transeunte. Os valores são encobertos e a memória empobrecida” (SOUZA, 1997, p. 121). Via de amplas conexões, a Presidente Vargas termina em sua extremidade oeste em um complexo sistema de elevados (figuras 11 e 12).

Ao fim da avenida Presidente Vargas, junto à praça da Bandeira, o elemento marcante na paisagem é formado por um conjunto de vias elevadas, cujas denominações homenageiam categorias das Forças Armadas (pracinhas, marinheiros, aviadores e fuzileiros). Nesses complexos encontros de vias transpostas sobre elevados, segundo Lynch (2010, p. 26), “[...] há uma transição desorientada a ser feita em cada trevo”. Tais equipamentos, por sua vez, permitem que as vias passem sem interromper o tráfego. Sem interferir na continuidade do fluxo, a cidade convive com um elemento estranho, que não interage, mas é funcional. Referindo-se à falta de interação das vias elevadas no meio urbano, Lynch (2010, p. 26) coloca que “[...] são percebidas como ‘extrínsecas’ à cidade, muito pouco associadas a ela, ainda que a penetrem”.

A identidade da cidade do Rio de Janeiro, moderna por suas intervenções urbanas e marcada pela sua feição geográfica, está principalmente associada aos seus signos imagéticos, verdadeiros marcos, destacando-se os picos elevados (Corcovado, Pão de

¹⁵ Canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial (LYNCH, 2010, p. 52).

Açúcar, Urca, Cara de Cão, Dois Irmãos, Pedra da Gávea etc.), emoldurados pelos contornos da orla e sua arquitetura histórica.



Figura 11 Complexo de elevados (visão de cima).
Fonte: Google Earth, panorâmico. Acesso em: 16 nov. 2014.



Figura 12 Complexo de elevados (vista do solo).
Fonte: Google Earth, panorâmico. Acesso em: 16 nov. 2014.

Entretanto, o Cristo Redentor, inaugurado em 1931, estrategicamente erguido sobre o Corcovado e observado em ampla perspectiva visual ao longo da avenida Presidente Vargas, apresenta um diferencial, enquanto obra de arte e imagem em destaque, por sua centralidade e valor histórico, devido ao significado de sua realização, atribuição de valor e uso da paisagem¹⁶. O Cristo Redentor se constitui em marco referencial, que se distingue na paisagem urbana, ressaltando a condição de que “[...] toda a ação

¹⁶ “O Rio de Janeiro, com a colocação do Cristo Redentor no elevado pico do Corcovado (1931), em meio à floresta urbana da Tijuca, equiparava-se a outras urbes do mundo moderno: Nova Iorque, com a Estátua da Liberdade (1886) e, principalmente Paris, com a Torre Eiffel (1889)”. (MOREIRA, 2013, p. 163).

que humaniza a paisagem pode conter objetivos e valores estéticos que se comunicam através dos sentidos ou da percepção” (LAMAS, 2004, p. 61).

O alcance visual do monumento, enquanto objeto único e estrategicamente situado, e sua capacidade de promover legibilidade à cidade, possibilita a identificação dos pontos da cidade em relação ao mesmo. Muito mais do que uma imagem em forma de cruz, o Cristo Redentor apresenta pontos distintos e identificáveis (frente e costas, lateral direita e esquerda), que remetem aos quatro pontos cardeais, distinguindo-se em meio à paisagem urbana, criando um sistema de orientação no que diz respeito “[...] a noções de acima/abaixo, esquerda/direita, horizontal/vertical, alto/baixo, longe/perto, etc., que permitem ao homem orientar-se na cidade” (LAMAS, 2004, p. 58). A imagem e visibilidade do monumento em relação aos espaços da cidade pode ser observada nas figuras 13 e 14.

O Cristo sobre o Corcovado possibilita a quem está no espaço da cidade a localização em relação a um marco referencial, nitidamente visível pela sua forma e situação geográfica. Lynch (2010, p. 53) destaca que “[...] alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais”. A relação desse principal marco visual com a cidade compõe a sua identidade, sua importância na composição do imaginário, estabelecendo uma relação espacial com o observador e outros elementos da paisagem.

A condição de imaginabilidade possibilita a construção de um mapa capaz de criar uma simbiose mnemônica, situando cada espaço em relação a esse objeto facilmente identificável, onde “[...] um cenário físico, vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social” (LYNCH, 2010, p. 5).

No Rio de Janeiro, para além da variedade de estilos de arquitetura expressa nas edificações, a transformação do espaço urbano revela a construção de uma paisagem urbana espetacular, resultado da preservação do patrimônio construído em meio à evolução urbana. Tal transformação é apreendida na percepção da paisagem urbana, composta pelas múltiplas imagens singulares que compõem a cidade.

A modernidade, em suas diversas espacialidades, imprime seus registros no tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro no decorrer do tempo. A Comissão de Saneamento e Embelezamento (1875), ainda no Império, resultou no projeto de renovação para o Campo de Santana como um símbolo da modernidade e europeização. A Reforma Passos teve seu *glamour* na avenida Central (1905) e no Concurso de Fachadas. A centralização do poder e as intervenções viárias no período do Estado Novo (1937-1945) têm na avenida Presidente Vargas o seu exemplar paradigmático. No plano urbano, as aberturas viárias são modernas, mas no ecletismo das arquiteturas há uma revisão de estilos preexistentes sob uma ótica moderna. Reconhecendo o que os antecedeu, os edifícios e as vias remanescentes ainda refletem os laços com o passado.



Figura 13 Panorâmica do Cristo sobre o Corcovado.
Fonte: Google imagens. Acesso em: 5 mar. 2014



Figura 14 A cidade e o Cristo.
Foto: Adilson de Souza Moreira, nov. 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de marcos visuais composto por elementos arquitetônicos situados na área de estudo permite uma leitura da cidade em sua totalidade, possibilitando clara legibilidade aos espaços nela contidos. Sua grande singularidade está no significado e na beleza do conjunto que se apresenta aos olhos do observador com imensa clareza e a reveste de importância especial na composição da paisagem urbana, em ampla dimensão pelo espaço público, e arquitetura, desvendando tempo e historicidade no espaço urbano. A importância da atividade portuária manteve o centro histórico em sua condição de centralidade, aliando cidade e natureza em meio ao conjunto urbano-arquitetônico, proporcionando a nítida sensação de estar diante de um “[...] centro ativo e ecologicamente ordenado de uma grande metrópole” (LYNCH, 2010, p. 38).

As transformações urbanas contidas neste estudo carregam intrinsecamente os conflitos e as contradições em sua execução. O espaço renovado, modernizado, representativo do processo civilizatório, contrasta com o seu entorno, um cenário emblemático da modernidade. Nesse processo, os espaços públicos livres consolidados mantêm o seu princípio aglutinador, acessível a todos, *a priori* garantindo o usufruto coletivo. Elementos intrínsecos à expansão da cidade constituem signos implícitos e historicamente instituídos, marcando a paisagem urbana.

A cidade do Rio de Janeiro possui o atributo que Lynch chama de “imaginabilidade”, ou seja, sua característica enquanto objeto físico que “[...] lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 2010, p. 11). A nova forma de ver a cidade, a partir de uma dimensão estética, fez com que contemplação da paisagem urbana, tanto em seu aspecto cultural quanto natural, adquirisse importância cultural. A dimensão da integração entre cidade e natureza, abarcando o alcance visual em ampla perspectiva, faz com que a imagem da cidade e dos monumentos se confundam.

Na área de estudo, o contorno litorâneo da baía da Guanabara, o relevo montanhoso, o Cristo Redentor em perspectiva visual, os equipamentos urbanos, vias, terminais de transportes, largos e praças são lugares que se destacam em suas especificidades. O conjunto de vias por onde a cidade flui e a arquitetura das edificações e dos espaços livres públicos formam o espelho das distintas épocas que compõem esta paisagem urbana singular, ao mesmo tempo, uma imagem em constante construção enquanto espaço arquitetônico. Esses elementos imagéticos, peculiares a cada cidade em seu arranjo, provocam a inserção do indivíduo em um cenário vivo e único pelas características intrínsecas ao sítio onde estão situados, evocando, de maneira geral, uma imagem única e forte em qualquer observador atento a formas tão singulares. Nesse contexto, cada cidade é única pela sua imagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades**. Lisboa: Presença, 1984.
- BENÉVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COUNCIL of Europe. EUROPEAN LANDSCAPE CONVENTION, Florença, 2000. Disponível em: <<http://www.coe.int/pt/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/176>>. Acesso em: 2 jul. 2016.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades – uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção a).
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2010.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB, 1996.
- LAMAS, José Manoel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LEITE, Rogério Proença. **Contrausos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Unicamp; Aracaju: UFS, 2007.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUSP, Quapá, 1999.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MOREIRA, Adilson de Souza. **Modernidade em exposição: modernização urbana e signos metonímicos (Paris, Rio de Janeiro e Florianópolis) [1850-1930]**. 2013. 281 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- REZENDE, Vera F (Org.). **Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras**. Niterói: UFF, 2012.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SOUZA, Célia Ferraz de; CABRAL, Gilberto Flores. Percursos urbanos: a reconstrução da história do cotidiano. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. **Cidade & história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. ANPUR, 1992, p. 275- 282
- _____; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- SILVA, Gilcélia Pesce do Amaral; OLIVEIRA, Lisete Assen de. **Perspectiva da forma urbanística e a paisagem como categoria-síntese no Estudo de Impacto de Vizinhança/Estatuto da Cidade**. UFSC, 2013.
- VALLADARES, Ligia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX**. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Debates).